

SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE ÓDIO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA SOBRE ATAQUES EM ESCOLAS NO BRASIL

MENTAL HEALTH IN TIMES OF HATE: A HISTORICAL ANALYSIS OF SCHOOL ATTACKS IN BRAZIL

Luizane Guedes Mateus¹

Resumo: Esta análise tem como objetivo construir o percurso histórico-social dos crimes de ódio no Brasil, assim como trazer inferências acerca das possibilidades de caminhos de cuidado em saúde mental a partir da psicologia. Um dos caminhos é pensar a formação de profissionais para a atuação no campo das múltiplas violências, especialmente daquelas que acometem as juventudes. Analisar como os crimes de ódio ganham corpo e são colocados em prática, assim como se multiplicam os espaços onde essas ações são exaltadas nos dias atuais, está também no escopo dessa escrita.

Palavras chave: violências, psicologia, saúde mental

Abstract: This analysis aims to construct the historical and social trajectory of hate crimes in Brazil, as well as to offer inferences about possible pathways for mental health care from a psychological perspective. One of these pathways is to consider the training of professionals to work in the field of multiple forms of violence, especially those affecting young people. Analyzing how hate crimes take

¹ Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Coordenadora da Escola de Conselhos do Estado do Espírito Santo e do Projeto Um olhar em saúde mental. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestrado e Doutorado em Subjetividade, Política e Exclusão Social pela Universidade Federal Fluminense e Pós-doutorado pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é bolsista da FEST - Fundação Espírito-santense de Tecnologia, professora pesquisadora do NEAB - Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e do NUSP - Núcleo de Segurança Pública. Principais áreas de interesse: Políticas Públicas, Infâncias e Juventudes, Redes Criminosas, Violência.

shape and are put into practice, as well as the proliferation of spaces where these actions are glorified today, is also within the scope of this work.

Keywords: violence, psychology, mental health

Cena I - Sobre um dia que deveria ser “normal”.

A manhã está ensolarada, no calendário marca 25 de novembro de 2022. Um dia normal na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Primo Bitti, no Município de Aracruz, Estado do Espírito Santo. Alunos em sala de aula, alguns professores em planejamento na sala em comum, onde alguns outros tomavam café. Os tiros começaram por volta de 9:30h da manhã. Foi nesse exato horário em que o relógio parou, a vida pausou no tempo e no espaço para Maria da Penha, Cybelle, Selena e Flávia.

Com roupas camufladas exibindo um símbolo nazista, uma skull mask – máscara de fundo preto com um desenho de uma caveira utilizada por grupos extremistas, e levando duas armas, um adolescente de dezesseis anos, ex-aluno da escola, arrombou um dos cadeados da instituição de ensino e realizou disparos contra onze pessoas. Em seguida retornou ao carro, de propriedade do pai, e se dirigiu ao Centro Educacional Praia de Coqueiral, onde acessou o espaço por volta de 9:49h pelo portão da frente, que não estava trancado. Disparou contra outras três pessoas.

Um minuto depois o atirador, filho de um oficial da Polícia Militar do Espírito Santo, voltou ao carro e dirigiu até sua residência, onde guardou cuidadosamente as roupas usadas nos ataques e também as armas, pertencentes ao pai – um revólver calibre .38 e uma pistola .40. Aguardou que os pais retornassem de suas atividades matinais, almoçou tranquilamente com os dois e em seguida foi para a casa de praia da família. Só então relatou que era o autor dos disparos nas duas escolas da cidade. Foi apreendido no início da tarde, depois de negociações realizadas pelos genitores, junto as

forças policiais.

Imediatamente após os ataques uma série de informações foram emergindo – vingança, bullying, maus tratos, brigas no ambiente escolar, acesso à livros relacionados ao nazismo, entre outras “justificativas”. Mas, como fazer o relógio voltar a girar depois de 25 de novembro de 2022 para as famílias enlutadas de Maria da Penha, Cybelle, Selenia e Flávia?! Como reconstruir o ambiente escolar para estudantes, famílias, e equipes da própria escola?! Como reconstruir um olhar de cuidado com o campo da educação para a cidade de Coqueiral de Aracruz?!

Cena II - Tempos e espaços de ódios padronizados.

Este artigo busca colocar em análise o contexto histórico e social da emergência de crimes de ódio no Brasil, assim como pensar caminhos de cuidado em saúde mental a partir da psicologia. Uma das reflexões propostas se coloca em como produzir outros lugares de existência e resistência quando pensamos o trabalho e a formação em psicologia em relação a violência, que ganha corpo nos crimes de ódio que se multiplicam nos dias atuais, especialmente no campo escolar.

Essa escrita para no tempo e no espaço de morte de Maria da Penha, Cybelle, Selenia e Flávia em Aracruz. No tempo e no espaço de morte de Ana Carolina, Bianca, Larissa, Karine, Mariana e todas as vítimas da Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro Realengo, Município do Rio de Janeiro. Para no tempo e no espaço de morte de Marilena e Eliana, mortas com outras cinco pessoas na Escola Estadual Raul Brasil, na cidade de Suzano, São Paulo. Para no tempo e espaço de morte de Elisabete Tenreiro, morta na Escola Estadual Thomazia Montoro, na Vila Sônia, Zona Oeste de São Paulo, ontem, 27 de março de 2023.

O que esses ataques e mortes tem em comum e como falam de um contexto histórico e social da emergência de crimes de ódio no Brasil? Em recente pesquisa, realizada pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, foram contabilizados vinte e dois registros de ataques em escolas no Brasil, contando os últimos vinte anos. Observando o intervalo entre os anos de 2002 e 2023 foram

registradas as mortes de vinte e quatro estudantes, cinco professores, dois profissionais de educação e cinco atiradores, que cometeram suicídio após o ataque².

Quando observamos os crimes realizados nos últimos dez anos, é possível estabelecer alguns padrões que nos servem como pistas para análises acerca do contexto em que acontecem, assim como os desafios que se colocam não só para o ambiente escolar, mas para o modelo de sociedade vigente, onde saúde mental, redes sociais, juventudes, grupos extremistas, racismo e bullying se colocam como desafios eminentes.

Dentre os padrões que se apresentam, alguns precisam aqui ser elencados para melhor entendermos o contexto em que acontecem, não para instituímos o lugar do medo e da vigília, mas para pensarmos caminhos de cuidado e prevenção. Rechaçamos modelos de funcionamento que instituem uma “competente produção do medo: todos desconfiam de todos, todos temem todos, todos querem se proteger de algo, todos querem segurança” (COIMBRA, 2010, p. 07).

Dentro desse viés, podemos dizer que são, em sua maioria, ataques realizados no ambiente escolar, por alunos ou ex-alunos desses espaços. Os atiradores seguem também um padrão bem definido – homens, jovens que alegam, quando apreendidos, processos de rejeição, bullying, frustração e alienação social no ambiente escolar, assim como no âmbito familiar e das relações sociais.

A este padrão podemos acrescentar um outro fator preponderante – a dificuldade de inserção social vai produzindo o que podemos chamar de uma crise de masculinidade, onde os atiradores constroem uma narrativa, em seus depoimentos, alegando serem preteridos e subjugados pelo sexo feminino, se autodenominando como celibatários involuntários; esse padrão possivelmente se reflete no número significativo de mortes entre pessoas do sexo feminino nestes ataques. Em breve levantamento dos ataques de 2010 a 2023 (Realengo/RJ, Suzano/SP, Saudades/SC, Sobral/CE, Barreiras/BA, Aracruz/ES e Vila Sônia/SP), das 31 vítimas, 22 eram do sexo feminino.

Outra questão que emerge a partir da análise dos ataques, e talvez uma das mais significativas para nossa escrita, diz respeito a aproximação desses atiradores com fóruns anônimos da web que

2 Dados coletados no Portal G1 – Blog Andréia Sadi, de 27/03/2023.

agregam grupos racistas, nazistas, masculinistas, misóginos, todos alinhados à extrema direita. Embora a alegação inicial para os ataques acabe girando em torno do bullying nos espaços escolares e do isolamento social perpetrado por colegas de turma, temos como pano de fundo de praticamente todas as situações de violência, conteúdos de ódio legitimados nas redes sociais, temática que abordaremos adiante.

A voz violenta das redes - Tempos e espaços de ódios virtuais/reais.

Em 13 de março de 2019, um ataque na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano/SP deixou 10 mortos e 17 feridos. O chamado “Massacre de Suzano” foi articulado, organizado e vastamente divulgado em um fórum anônimo conhecido como Dogolachan, ou simplesmente Chan, criado por M. V. S. M., posteriormente condenado a quarenta e um anos, seis meses e vinte dias de prisão por racismo, associação criminosa, incitação ao cometimento de crimes, divulgação e disponibilização de imagens de pornografia infantil e terrorismo cometido na internet, entre outros crimes. Posteriormente essa condenação foi reduzida para onze anos em regime fechado de detenção, mas M. pode ser considerado um dos principais articuladores e incentivadores de crimes como homicídios, feminicídios e terrorismo no Brasil. Os mais desatentos podem se perguntar como essas articulações são gestadas e se disseminam virtualmente, de tal modo que são talvez a ponta de um iceberg extremamente complexo no Brasil – os crimes de ódio.

Os grupos e fóruns anônimos não são algo novo na história da internet. Nasceram em meados dos anos 2000 no Japão, e ganham o Brasil pouco depois, em meados de 2003, quando o fórum 4chan foi criado. Nestes espaços virtuais não existe a obrigatoriedade de um cadastro, assim como de fornecimento e armazenamento de dados, o que possibilita que os usuários sejam anônimos.

Esse anonimato que antes era utilizado para discussão de jogos online, animes, fanfics, etc, acaba tendo sua função capturada quando começam a ser usados com conteúdo e atividades ilegais, como aqueles que promovem o ódio e o extremismo através do nazismo, do fascismo, entre outros.

Antes encontrados apenas na deep web e na dark web – páginas não encontradas através de mecanismos de busca, esses grupos emergiram com o passar dos anos para a camada mais acessível – a surface web, onde toda e qualquer pessoa pode ter acesso. Isso possibilitou que adeptos dessas atividades proibidas ganhassem espaço em redes como o Twitter, onde o último atirador, de Vila Sônia/SP, publicou grande parte do seu planejamento.

Importa dizer que os crimes de Realengo (2011), Suzano (2019), Aracruz (2022) e o mais recente, Vila Sônia (2023), foram relatados minuciosamente e antecipadamente por seus autores, no 4chan, acessível na deep web, sendo o último também descrito no Twitter, o que nos aponta uma outra similaridade entre todos os atentados – a espetacularização desses atos através de postagens com os armamentos, as ornamentações camufladas ostentando símbolos supremacistas, assim como fotos que antecedem o momento dos ataques violentos.

A partir de pesquisas realizadas nestes fóruns, especialmente no que foi criado por M. V. S. M., assim como nas próprias redes sociais dos atiradores, é possível afirmar que o objetivo desses grupos não é e nunca foi uma suposta vingança por situações de bullying sofridas no espaço escolar. São grupos organizados a partir de metas e desafios, que quando superados, os executores ganham pontos – mais mortos, mais pontos. São adolescentes e jovens, em sua maioria com menos de 18 anos, que tem alimentados ódio e ressentimento, e veem esses crimes de ódio como única forma de ocupar um lugar de existência, um momento de triunfo, coroado nas mídias e redes sociais.

Sobre caminhos de cuidado em saúde mental – no deserto ainda venta.

Os escritos e análises sobre esses ataques, mortes que ocupam de forma cada vez mais frequente os noticiários e o imaginário social, buscam mesmo que de forma breve não só possibilitar um espaço para entendermos essa violência, mas também para compreender o papel da psicologia frente às demandas contemporâneas que emergem a partir dessas situações extremas.

Importa pensar como trabalhar a questão da saúde mental de adolescentes cada vez mais

conectados a grupos online, onde uma radicalização extremista encontra terreno fértil, grupos onde o terrorismo doméstico é glorificado e exaltado. Como estabelecer controle sobre os avanços tecnológicos, que colocam esses jovens em contato com espaços nocivos, onde aproximam-se de fóruns e grupos que os fazem sentir parte de algo, achando lugar de existência e de respostas aos seus anseios e inseguranças, que deveriam ser somente uma fase da juventude e acabam por se tornar divisores de vida e morte para espaços como a comunidade escolar.

Discutir a violência que se colocou na vida desses adolescentes e jovens, nos espaços escolares e nas vidas das famílias enlutadas que perderam entes queridos nesses ataques nos coloca também uma outra aresta - o gatilho da arma utilizada nunca é disparado sozinho, por esse adolescente ou jovem - o acesso facilitado às armas, a banalização dos discursos de ódio contra grupos específicos – negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+, entre outros, são componentes determinantes para que essas mortes aconteçam. O próprio uso da internet para acesso a grupos e células que disseminam ódio e ideias pautadas no racismo, no sexismo, na xenofobia e na homofobia, ideias de uma extrema direita, parece se consolidar e se naturalizar cada vez mais no país.

Outro caminho que entendemos ser necessário e premente é a escuta feita aos grupos que fazem parte do espaço escolar – é preciso desviarmo-nos da armadilha da revitimização, uma vez que a angústia de repetir inúmeras vezes tais vivências de dor e de sofrimento é uma possibilidade perigosa.

Apostamos, dessa maneira, em um caminho que vislumbramos ser possível, o de confiança e construção de vínculos, procurando não os transformar em mais uma encruzilhada, tampouco usar o lugar de vítima como palco para a busca por vingança ou endurecimento dos processos penais que já assolam tanto a população.

Interessa-nos pensar que interesses estão sendo contemplados com esse “elogio” da vítima. De que forma a vitimização generalizada, acompanhada da supremacia dos afetos de compaixão e do crescimento das demandas de reparação dirigidas à justiça, tem servido para endurecer cada vez mais o direito penal? Que categorias profissionais, que instituições, vêm sendo favorecidas graças à mobilização emocional produzida por meio do sofrimento das víti-

mas? Por que as interpretações dos acontecimentos sociais têm privilegiado a exaltação da vítima, mais do que outros aspectos colocados em jogo? Será mesmo benéfica para as próprias vítimas a exaltação de sua vitimização, de sua fraqueza, e não, ao contrário, a possibilidade de sua potência? (REIS, 2013, p. 37).

Encontra-se entre as atribuições da psicologia não apenas promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades, mas também contribuir para a eliminação de todas as formas de discriminação, violência, crueldade, negligência e opressão, zelando ainda pela garantia de dignidade para todas as pessoas. Dentro desse contexto, é preciso encontrar estratégias para construir esse espaço de cuidado em meio ao luto.

Assim, como pensar e constituir a atuação do psicólogo em meio a estes processos de dor e violência? Apostamos em um caminho de diálogo junto à comunidade escolar. Caminho que se faz trazendo espaços de escuta para todos os corpos que circulam na escola – alunos, professores, corpo técnico, auxiliares de limpeza, cozinheiras, vigilantes... todos que habitam os quatro cantos escolares. Busca-se assim trazer à tona suas narrativas dos momentos vividos de alegria, mas também de dor e sofrimento. É a partir dessas vivências que a psicologia poderá fortalecer não só a vida, mas também contribuir na produção de estratégias de resistência à morte violenta. Acreditamos que a partir desses testemunhos de violência, é possível pensar numa ferramenta clínico-política no campo da formação em psicologia, pautada na construção de uma memória antes coletiva que individual (Mourão, 2009; Rauter, Passos & Barros, 2002, p. 143).

Importante pensarmos ainda outra questão - a discussão acerca da ferramenta da interseccionalidade não mais como uma necessidade, mas uma urgência; a violência tem se colocado como uma constante, e emerge, não à toa, com características bem específicas, reforçando e mantendo determinados corpos como alvo, e outros no papel de atiradores – corpos que tem gênero, raça e classe bem determinados.

Segundo Akotirene (2019, p.48) a interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Nesse sentido, a análise da autora constrói um caminho

para percebermos que raça traz subsídios de classe e gênero, embora esteja em um patamar de igualdade analítica. Basta observarmos alguns contornos relacionados aos ataques, que teremos o entendimento de como as intersecções vão sendo colocadas – grupos, quase que em sua totalidade, organizados a partir de ideias e releituras nazistas de superioridade, com discursos extremistas calcados especialmente no racismo e na misoginia. Atiradores majoritariamente homens, brancos, heterossexuais. Vítimas em sua maioria mulheres – no caso específico de Realengo, nove das onze vítimas eram meninas negras, entre doze e quinze anos. Desconfiamos da aleatoriedade dos perfis, acreditamos mais em múltiplas experiências discriminatórias, a partir do cruzamento de duas ou mais vias identitárias Akotirene (2019, p. 63).

Acreditamos que se não fizermos essas discussões atreladas às demandas relacionadas às políticas públicas de enfrentamento, não avançaremos meio metro diante de nosso próprio nariz. E quando a discussão se remete a políticas públicas não estamos nos referindo as políticas de segurança apenas. Entendemos que somente mais segurança e vigilância nos espaços escolares não é, de forma alguma, a solução; após os ataques em Columbine, nos Estados Unidos, foram providenciadas câmeras, detectores de metais, assim como segurança pública e privada nas escolas norte americanas. Nada disso reduziu números relacionados aos ataques, muito pelo contrário, nos primeiros três meses de 2023 já foram registrados cerca de 131 ataques, uma média de 1,5 tiroteios em massa por dia no país, de 1º de janeiro a 27 de março³.

Quando apontamos na direção das políticas públicas de enfrentamento à violência, sinalizamos para o óbvio – não há no Brasil um plano, ou política nacional para a prevenção de ataques/crimes de ódio nas escolas, o que deixa esses espaços com seus profissionais solitários, sem estrutura necessária para lidar com essa nova modalidade de violência.

Vislumbramos ainda a necessidade de um diagnóstico sobre a situação atual das escolas no que se refere as questões relacionadas à violência, assim como o monitoramento de ações de grupos extremistas na web, para que possamos nos antecipar aos ataques. Não corroboramos com a ideia

³ Gun Violence Archive, março de 2023 - Organização sem fins lucrativos que monitora dados de violência armada nos Estados Unidos.

de que armas poderão resolver a questão, portanto não trabalhamos com a possibilidade de “armar” ainda mais a população, ou os espaços escolares.

Acreditamos ser essencial preparar a comunidade escolar com fluxos para que possam reconhecer essas ameaças, afim de que quando alguma possibilidade de ataque seja detectada, autoridades competentes possam ser imediatamente acionadas. Sabemos, por exemplo, que o adolescente que realizou o ataque na unidade escolar de Vila Sônia/SP já havia sido transferido de escolas anteriores por ameaças relacionadas a ataques com armas, inclusive o serviço público de saúde, na figura do CAPSi, já havia sido alertado para acompanhamento emergencial.

Por fim, entendemos como necessárias e emergenciais políticas de fortalecimento de ações intersetoriais, para o cuidado em saúde mental da comunidade escolar. Nesse sentido a psicologia se coloca enquanto um corpo pronto a acolher, a afiar a escuta para não deixar que sejamos também vozes que ecoam o lugar da morte ou da captura pelo lugar do perigo.

Partilhamos da ideia de não nos fecharmos nos domínios de saber, nos quais somos colocados como psicólogos. Em nosso fazer diário nos espaços escolas e não escolares precisamos desnaturalizar discursos de ódio, tensionando um debate público sobre violência no contexto escolar, assim como desconstruindo discursos extremistas hoje pautados como liberdade de expressão. Precisamos ainda discutir masculinismo e violência misógina no contexto da psicologia; A escola não se torna alvo porque é escola, mas porque lá estão mulheres e crianças, alvo principal desses ataques. Como nos convida Rauter (2012, p.152), é no deslocamento de conceitos que buscamos atuar, tencionando olhares para que possamos enxergar seres humanos em meio ao caos que tem sido a vivência escolar em meio a violência.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, K. Interseccionalidade. São Paulo: Polém, 2019.

COIMBRA. C. M. B. Modalidades de aprisionamento: processos de subjetivação contemporâneos e

poder punitivo. In: BATISTA, V. M, ABRAMOVAY, P.V. Depois do Grande Encarceramento. Rio de Janeiro, 2010.

RAUTER, C., Passos, E. & Barros, R. B. Clínica e Política: subjetividade e violação de direitos humanos. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia, 2002.

RAUTER, C. Clínica do Esquecimento. Niterói: EDUFF, 2012.

REIS, E. A Cultura da Vingança ou a Debilidade de uma Vida Reativa. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.